

Pensando a Museologia na Pós-modernidade: transformações críticas e pós-críticas

Thinking about Museology in Postmodernity: critical and post-critical changes

Lorhana Serpa Ribeiro Ferreira*
Teresa Cristina Moletta Scheiner**

Resumo: Pensar Museologia requer olhar o quadro epistêmico da contemporaneidade, buscando entendê-la como união de práticas e como modo de pensar o real que deriva num conjunto de estratégias específicas para interpretar a realidade. Por se tratar de um saber relativamente recente, com limites que ainda exigem definição mais clara, a Museologia está sujeita a narrativas parciais, que dificultam seu conhecimento mais abrangente. O artigo oferece uma visão geral sobre o tema, preparando as pessoas para investigações futuras mais aprofundadas. O texto se baseia em análises desenvolvidas para pesquisa de Dissertação, defendida em 2024 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST; e propõe refletir sobre os modos e formas através dos quais a teoria museológica interpreta o real, a partir de uma breve contextualização das narrativas da Teoria crítica e da Teoria pós-crítica. O objetivo é apresentar contribuições ao quadro epistêmico da Museologia usando como método a pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa. Investigando a condição epistêmica da pós-modernidade, busca analisar as premissas do que se poderia chamar uma “Museologia Crítica”; e aborda o conceito de Museologia Pós-crítica integrando novos estudos de autores estrangeiros, com foco em interações interdisciplinares e novos olhares acadêmicos. Busca contribuir para uma compreensão mais ampla de conceitos na Museologia - especialmente quando propõe novas perspectivas, que vão além dos limites epistêmicos frequentemente impostos por abordagens dominantes e visões unilaterais.

Palavras-chave: Museu; Museologia; Teoria da Museologia; Museologia Crítica e Pós-crítica; Pós-modernidade.

Abstract: Thinking about Museology requires examining the epistemic framework of contemporaneity, aiming to understand it as both a set of practices and a way of conceptualising reality, derived from a set of specific strategies for interpreting it. As a relatively new field of knowledge, with boundaries that still require clearer definition, Museology remains subject to partial narratives that hinder its comprehensive understanding. This article provides a general overview of the topic, preparing people for future, more in-depth investigations. Its contents are based on analyses developed for a Master's thesis defended in 2024 within the Postgraduate Programme in Museology and Heritage, at the Federal University of the State of Rio de Janeiro/Museum of Astronomy and Related Sciences (PPG-PMUS, UNIRIO/MAST). It proposes a reflection on how museological theory interprets reality, grounded in a brief contextualisation of the narratives of critical and post-critical theory. The aim is to contribute to the epistemic framework of Museology through exploratory, descriptive, and qualitative

* Graduada em Museologia pela UNIRIO, Mestre em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO-MAST. Atuou como bolsista no projeto Design de Exposições: suas Relações de Influência na Percepção do Acervo pelo Público e na Comunicação do Discurso Expositivo. Exerceu função em projeto de conservação e documentação do acervo Memória Viva Sérgio Ricardo. E-mail: lorhanaserpa@hotmail.com

** Licenciada e Bacharel em Geografia pela UERJ; Bacharel em Museologia pelo Museu Histórico Nacional; cursou Mestrado em Ciência Política no IUPERJ; Mestre e Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ. Professora Titular na UNIRIO. Coordenadora do curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio (2011-2023); Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). Vice-Presidente do Conselho Internacional de Museus - ICOM (2010-2016). Editora Chefe do periódico Museum International (2014-2017). Membro do Conselho Executivo do ICOM (2004-2010). Presidente do Comitê Internacional de Museologia (1998/2000). Criadora e Consultora Permanente do ICOFOM LAM - hoje, ICOFOM LAC (1989...). Membro do ICTOP - Comitê Internacional de Formação de Pessoal para Museus, ICOM. E-mail: tacnet.cultural@uol.com.br

research. By investigating the epistemic condition of postmodernity, the paper seeks to examine the premises of what might be termed 'Critical Museology'. It also explores the concept of Post-Critical Museology by integrating recent studies by international scholars, addressing interdisciplinary interactions and emerging academic perspectives. It aims to broaden the understanding of museological concepts - particularly by proposing new approaches that transcend the epistemic limits often imposed by dominant paradigms and unilateral perspectives.

Keywords: Museum; Museology; Museum Theory; Critical and Post-critical Museology; Postmodernity.

Introdução

A Museologia é um âmbito do conhecimento que começa a ganhar contornos mais nítidos na segunda metade do século XX, contribuindo para a compreensão do fenômeno Museu e do papel e função dos museus instituídos no desenvolvimento cultural das comunidades. Considerada como nova disciplina ou campo disciplinar, destaca a importância da valorização da identidade como processo, da diversidade de olhares e práticas sobre o real e do diálogo intercultural. A teoria da Museologia é importante não apenas por fundamentar as práticas profissionais dentro dos museus e/ou a eles relacionadas, mas também por promover a educação emancipatória, ao desvelar contextos históricos e culturais que ajudam as pessoas a entenderem melhor o mundo e os museus ao seu redor: explora novas abordagens e concepções sobre o que um museu pode ser e como pode operar na sociedade contemporânea. Seus estudos vão além da ideia tradicionalista de "museu" (museu instituído - tradicional ortodoxo, exploratório, com coleções vivas, de território) e abrem espaço para experiências criativas em constante evolução, como o Ecomuseu, em sua proposta original de ser um laboratório e não apenas um espaço fixo; o museu virtual; e as experiências emergentes (*apud* Scheiner, 2017).

Quando fundamentada na abordagem crítico-filosófica, a reflexão sobre Museologia advoga ideias sobre a episteme do campo. Os aspectos teóricos que se referem ao caráter filosófico da Museologia foram discutidos por autores como Anna Gregorová, Zbigniew Stránský, Bernard Deloche, Teresa Scheiner e Oscar Navarro, entre muitos outros¹. Conforme Gregorová (1980), a pauta epistêmica da Museologia seria o estudo da relação específica entre o humano e realidade. A teórica conclui que a relação homem e realidade se desenvolve em "todos os contextos em que esta se manifesta concretamente" (Gregorová, 1980, p. 19). Uma compreensão acerca de seu

¹ Reconhecemos a excelência da produção de diversos autores brasileiros sobre a teoria da Museologia; no entanto, observa-se que, na maioria das vezes, essa produção não se fundamenta em uma matriz epistêmica de caráter filosófico.

modo de pensar Museologia pode levar a crer que a relação se apresenta apenas em objetos materiais - o que se convencionou denominar “objetos de museu”. Ao contrário, o construto defendido pela autora não limita a relação a se realizar por meio dos objetos materiais: a relação se faz presente em todas as manifestações concretas do humano no real. Nesse sentido, Gregorová (1986) acredita que o substrato epistêmico do museu não é material, é imaterial².

Contudo, a teoria museológica ainda carece de argumentação teórica. Uma questão aberta na Museologia e nos estudos sobre museus é a disseminação de narrativas distorcidas, que contribuem para distorcer e fragmentar sua compreensão pública.

Este artigo propõe uma abordagem crítica e reflexiva, visando desafiar narrativas estabelecidas através do uso de teorias e conceitos específicos. Questionar essas narrativas não se limita à substituição por novas versões, mas visa estimular um olhar analítico que promova uma visão mais abrangente e inclusiva do fenômeno Museu em sua relação com os fenômenos socioculturais, numa perspectiva histórica que possa promover a reflexão crítica sobre o campo museal. O texto tem como objetivos principais: a) Realizar uma breve apresentação dos conceitos da Teoria Crítica e da Teoria pós-crítica; b) Abordar o conceito de Museologia Pós-crítica, mencionando novos estudos de autores estrangeiros e brasileiros; e c) Apresentar uma reflexão sucinta sobre a condição do conhecimento na Modernidade e na Pós-modernidade³.

1. Desenvolvimento

O presente trabalho fundamenta-se em análises realizadas durante pesquisa realizada para Dissertação defendida em 2024, no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, desenvolvido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)⁴. A dissertação explora a Museologia tanto como conjunto de práticas profissionais, quanto como uma forma de interpretar a realidade, destacando a

² A filósofa eslovaca consegue desvincular o pensamento do museu que recolhe acervos, inaugurando um modo de pensar Museologia que associa seu objeto de estudo à relação “entre a gnose (conhecimento) e o fenômeno (manifestação)” (Scheiner, 2017, p.68). Portanto, entende a Museologia como uma disciplina sócio-científica específica, de natureza essencialmente filosófica, que investiga essa relação específica do homem com a realidade.

³ Nomeada, por alguns autores, Contemporaneidade.

⁴ FERREIRA, Lorhana Serpa Ribeiro. “Rumo à Museologia pós-crítica? Reflexões sobre a Teoria crítica e pós-crítica aplicada à Museologia”. Dissertação defendida em 29.02.2024. PPG-PMUS, UNIRIO/MAST. Orientação: Teresa Scheiner

natureza recente da disciplina e os limites ainda incertos de seu conhecimento, frequentemente fragmentado por narrativas parciais - um conhecimento que é apresentado de maneira restrita, muitas vezes devido à forma como é construído, transmitido ou interpretado.

A natureza da nossa investigação é qualitativa. A metodologia de trabalho incluiu leitura e análise de conteúdo de textos teóricos sobre o tema, em pesquisa descritiva-exploratória a partir de fontes bibliográficas consultadas⁵. Entre os temas abordados destacam-se aqueles vinculados aos seguintes termos/conceitos apresentados a seguir.

- Teoria Crítica

A teoria crítica emergiu como uma argumentação intelectual frente ao contexto sociopolítico do século XX, particularmente na Europa pós-Segunda Guerra Mundial. É oriunda da denominada Escola de Frankfurt, corrente de pensamento gerada no Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt, Alemanha, nos anos 1920. Os pesquisadores mais destacados, como Max Horkheimer e Theodor Adorno, propagaram a resposta crítica às questões sociais, buscando interpretar e criticar as bases do pensamento ocidental, influenciado pela crise social e pelas experiências conturbadas da guerra e do totalitarismo. Desenvolveram um novo parâmetro de análise, multifacetado, que combinava filosofia, sociologia, psicologia e crítica cultural. Seu objetivo era apresentar as estruturas de poder, ideologia e dominação que permeavam a sociedade capitalista, questionando tanto a cultura de massa quanto as instituições tradicionais. Neste processo, realizaram uma crítica ao desenvolvimento intelectual da sociedade que incide sobre a teoria tradicional, no sentido cartesiano, refletida em todas as ciências especializadas. Conforme Horkheimer, os sistemas disciplinares organizaram os conhecimentos para que fossem aplicáveis em diversas situações, mas ignoraram a gênese social dos problemas e as circunstâncias reais em que a ciência é utilizada.

A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela

⁵ Este artigo pretende oferecer um estímulo à reflexão sobre Museologia na pós-modernidade, permitindo que leitores menos familiarizados com o assunto compreendam alguns pontos principais dessa relação. Trata-se de uma introdução ao tema, visando apresentar uma síntese que prepare as pessoas para análises mais detalhadas a serem feitas posteriormente, nas quais serão exploradas outras perspectivas e autores, ampliando o escopo da investigação. Salientamos que o tema foi abordado sob uma perspectiva teórica, focalizando a análise conceitual e as discussões acadêmicas que envolvem o assunto. Justificamos a abordagem de certa forma descritiva, que apenas aflora questões centrais, como estratégia para aproximar o leitor das questões tratadas.

uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela (Horkheimer, 1989, p.69)⁶.

Enquanto a teoria tradicional buscava descrever e explicar o *status quo* daquilo que está aparente, de maneira objetiva e científica, a teoria crítica vai além, ao criticar as estruturas de poder, exploração e alienação humana⁷. Mais do que constatar como funciona a sociedade, a partir de leis gerais e universais, a teoria crítica evidencia o papel do homem na sua transformação.

- Modernidade

A condição epistêmica da sociedade do presente é frequentemente caracterizada como pós-moderna. Isso não significa que a chamada “modernidade” tenha terminado, mas sim que há uma mudança significativa na forma como entendemos o conhecimento, a verdade e a própria condição humana.

A narrativa do “moderno” nas ciências humanas e sociais é marcada por ambivalências. René Descartes dividiu a realidade entre mente e matéria - “penso, logo existo” -, influenciando a consolidação do conjunto de suposições básicas que dão apoio a modelos e teorias científicas do mundo moderno, num paradigma conhecido como cartesiano/newtoniano. Esse paradigma configurou o modelo de realidade concebido e aceito pela maioria da comunidade científica, com o tempo marcando definitivamente o modo de pensar do mundo ocidental (Liimaa, 2011).

Na tentativa de encontrar uma base sólida de conhecimentos durante o desenvolvimento das ciências sociais no século XIX, muitos pensadores acreditavam que os princípios da ciência eram universais e aplicáveis a todas as culturas. A busca por categorizar e classificar diferentes culturas, comum nas ciências sociais, levou à hierarquização. Culturas não ocidentais foram frequentemente vistas como “primitivas” ou “menos desenvolvidas”, perpetuando uma visão etnocêntrica da sociedade humana⁸.

⁶ Cabe esclarecer que a obra utilizada para o presente trabalho - “Filosofia e Teoria Crítica” - edição em português de 1989, fundamenta-se no primeiro manifesto de Horkheimer, “Teoria tradicional e teoria crítica”, publicado em 1937, que influenciou diretamente a concepção filosófica e a metodologia de trabalho do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

⁷ O instituto promovia, em meio universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883). “A teoria crítica, desde o início, tem por referência o marxismo e seu método” (Nobre, 2004, p. 13).

⁸ Os modelos lógicos de análise sociocultural elaborados no âmbito da antropologia fundamentavam-se na premissa de que era viável compreender os grupos sociais por meio de sua produção material. Essa abordagem levou à crença de que seria possível mensurar (ou inferir) o grau de desenvolvimento de cada grupo com base nessa produção, com particular ênfase nos objetos que esses grupos criavam e utilizavam (ver Scheiner, 2015). Nesse cenário, museus e instituições culturais se tornaram espaços de

A função dogmática da antropologia, que se consolidou ao longo do século XIX, desempenhou um papel significativo na configuração do pensamento filosófico da época. Essa dogmatização resultou, em muitos casos, em uma visão eurocêntrica e essencialista das culturas, promovendo classificações rigidamente definidas que limitaram a diversidade de perspectivas. A antropologia, ao tentar categorizar e entender as diferentes sociedades, frequentemente ignorou as complexidades e nuances das interações culturais, perpetuando narrativas que reforçavam hierarquias de poder e conhecimento. Essa abordagem não só influenciou a maneira como as culturas eram percebidas, mas também direcionou o pensamento filosófico para uma estrutura que, muitas vezes, não considerava a multiplicidade de experiências humanas.

No século passado, a busca por uma compreensão total do real, superando visões etnocêntricas, deu origem a um novo paradigma, fundamentado nas leis da física. Esse paradigma questionou o modelo cartesiano-newtoniano e resultou na formação de um modo de pensar o real denominado holístico, ecológico, quântico ou sistêmico, conforme diferentes matrizes de interpretação. Liimaa (2011) comenta que este foi o momento em que se contrapôs à visão reducionista e ambivalente do paradigma anterior uma visão de cooperação e interdependência - entre saberes, práticas e modelos de interpretação do real.

A época atual é caracterizada por ideias que moldam as ciências sociais e humanidades, com ênfase no pluralismo cultural. O pensamento contemporâneo reconhece a existência de diferentes sistemas de conhecimento, afirmando que há uma pluralidade ou multiplicidade de seres, individuais e autônomos; também considera o real como múltiplo. Neste sentido, o real seria “irredutível a uma substância ou princípio único, ou mesmo a dois princípios” (Japiassú; Marcondes, 2006, p. 156). Ao considerar a incorporação do pluralismo cultural na pesquisa e na prática científica contemporânea, não apenas se expande o alcance e a extensão da investigação, mas também se promove um diálogo intercultural mais enriquecedor e colaborativo.

- Pós-modernidade

Bauman (1999, p. 259) comenta que, na passagem da modernidade para o estágio pós-moderno, teria surgido “uma despreocupada consciência de que existem

representação da diversidade cultural, mas frequentemente essa representação se dava através de uma lente etnocêntrica, onde as culturas não ocidentais eram exibidas em comparação com a cultura de matriz europeia, naquele momento considerada como a mais desenvolvida.

muitas histórias que precisam ser contadas e recontadas repetidamente, a cada vez perdendo algo e acrescentando algo às versões anteriores”. Ao contrário da inquieta procura pela precisão e confiabilidade de teorias e modelos explicativos que propunha a ciência moderna, na pós-modernidade vivemos uma exposição contínua à ambivalência, ou seja, a um ambiente social e comportamental sem uma solução clara, sem uma escolha segura, sem um conhecimento prévio de “qual caminho seguir” (Bauman, 1999, p. 259).

A Segunda Guerra Mundial teria marcado o início dessa transformação epistêmica entre moderno e pós-moderno, construindo as condições que possibilitariam a fundação de um novo modo de pensar. Esse evento representou a destruição das promessas das filosofias históricas do século XIX, que visavam progresso e emancipação, questionando a validade das metanarrativas que buscavam unificar a experiência histórica diante das tragédias da guerra (Albuquerque Jr., 2007). Agora desafia-se a ideia de uma verdade objetiva e universalmente válida: a condição epistêmica da pós-modernidade é fluida, fragmentada. Tudo o que podemos tentar conhecer são compreensões construídas socialmente e influenciadas por contextos históricos, culturais e linguísticos específicos.

Jean-François Lyotard foi emblemático como um dos primeiros estudiosos a tratar da pós-modernidade. O autor de origem francesa publicou em 1979 o livro intitulado “A Condição Pós-Moderna”, obra que trabalha com a alteração do estatuto do saber científico. Para Lyotard o pós-moderno é cético aos grandes sistemas filosóficos. Lyotard (1998) revela que houve um desencantamento a respeito do futuro certo e garantido, bem como do desejo de explicações totais. Assim, toda visão de mundo que se diz detentora da verdade passou a ser encarada como equivocada. O pós-moderno seria justamente essa incredulidade em relação às metanarrativas. Afinal, não há uma única narrativa dominante que explique toda a complexidade da experiência humana. No lugar disso, há múltiplas perspectivas, discursos e formas de conhecimento que coexistem e se entrelaçam, muitas vezes em tensão umas com as outras.

De fato, a partir do sentimento de desconfiança deixado como herança da guerra e das mudanças tecnológicas, questiona-se a “verdade” que o conhecimento expõe. Para acompanhar as transformações na vida e na sociedade moderna, a ciência se abre para o campo da cooperação, num contexto em que o novo conhecimento não nega o antigo, mas o integra dentro de seu campo de validade. Nesse sentido, a visão pós-moderna defende que a epistemologia deve ser plural.

Se por um lado a condição epistêmica da pós-modernidade sugere a descentralização do conhecimento institucionalizado e a valorização da diversidade de vozes e experiências não dominantes, que coexistem e se entrelaçam, por outro lado seu relativismo epistêmico preocupa - por não apresentar um conhecimento com critérios universalmente válidos. Discute-se não haver mais clareza para avaliar a veracidade das afirmações. Quando não há formas de checar a validade do conhecimento, as discussões podem se tornar inconclusivas ou incapazes de chegar a um entendimento comum.

Dessa forma, a condição epistêmica da pós-modernidade continua a ser um tema de debate e reflexão na Filosofia, nas Ciências Humanas e Sociais, na Literatura e em outras disciplinas e campos, influenciando profundamente o modo como pensamos sobre a natureza do conhecimento, a preservação da autoridade intelectual, a identidade, o poder e a representação no mundo contemporâneo.

- Teoria pós-crítica

Pós-crítico é um termo cunhado pelo filósofo húngaro-britânico Michael Polanyi na década de 1950, para designar uma posição de investigação que se coloca além da orientação filosófica crítica. Na obra “Conhecimento Pessoal: Por Uma Filosofia Pós-Crítica” busca caracterizar seu construto, argumentando que parte do que implica ser uma filosofia “pós-crítica” é que ela faz, da crença pessoal do cientista, uma parte integrante do programa epistemológico (Agler, 2012). Inversamente, a acepção clássica da filosofia vê o saber teórico como um conhecimento que se distancia do mundo da experiência concreta, sensível, e que não se mantém próximo da prática. Neste sentido poderíamos imaginar que uma teoria do que nos diz respeito partiria da suposição de que existe do lado de fora um “pós-crítico” a ser descoberto, examinado, atestado, repreendido, relativizado ou desconstruído por outrem. Entretanto, Polanyi chama a atenção para uma teoria na qual seria possível discordar dessa objetividade absoluta e inquestionável da ciência, estabelecida durante a revolução científica do século XVII. Ele argumenta que o cientista não é um observador neutro, mas está profundamente envolvido e comprometido com sua pesquisa. Portanto, o conhecimento científico não pode ser completamente dissociado das convicções pessoais do conhecedor, das intuições e das experiências do cientista (Polanyi, 1964).

O modo crítico de interpretação do real vem sendo atacado por muitos pesquisadores. Podemos destacar, como um dos principais motivos que tornam o modo de intelecção crítica passível de ser problematizado, a tendência

excessivamente negativa adotada por muitos autores críticos. Segundo Felski (2017), a falta de envolvimento pessoal crítico não implica ausência de humor, mas reflete um estado de “espírito intelectual negativo”. A expressão de críticas está frequentemente associada à descrição de como as coisas não deveriam ser (Wortmann, 2020). O entendimento intelectual opera ao investigar, por exemplo, condições sociais injustas, modos problemáticos de subjetivação ou relações deficientes do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, que precisam ser superadas. Wortmann acusa que tal perspectiva é moldada por uma atitude de oposição que parece ser a única alternativa viável, fazendo com que muitos pesquisadores se sintam inclinados a adotar essa forma de crítica.

Polanyi entende a mudança pós-crítica como o sucessor natural da abordagem crítica ao conhecimento. Relatos apontam para a “ruptura com o paradigma crítico, renunciando à postura denunciadora e começando a escutar os atores” (Dosse, 2007, p. 18, *apud* Pacheco, 2013. p. 12). Se por um lado a teoria crítica enfatiza uma análise objetiva e dialética das relações entre forças sociais contraditórias, com o objetivo de denunciar as dinâmicas de poder que obstaculizam a emancipação nas sociedades, por outro lado a teoria pós-crítica prioriza a subjetividade e a especificidade das experiências individuais, adotando uma abordagem que se afasta das contradições universais para valorizar as vozes e as vivências distintas de diferentes identidades⁹. Polanyi argumenta que ir além do que se considerava o modo profundamente falho de intelecção e reflexão crítica que caracteriza a Modernidade e predomina no mundo acadêmico, requer essa mudança fundamental na sensibilidade; e oferece uma perspectiva para o que se poderia denominar de “modo pós-crítico” de estar no mundo.

Também podemos entender o surgimento da teoria pós-crítica como uma reação da teoria crítica ao voltar-se sobre si mesma. Postula a desconstrução de hierarquias rígidas de valor literário ou cultural, questionando quais obras e quais formas de produção cultural são consideradas válidas para o estudo crítico. Como resultado, a teoria pós-crítica pode ser considerada uma expansão da teoria crítica tradicional, incluindo uma gama mais ampla de interpretações, contextos e vozes. Caminha “em direção a novos modos de análises que não eram acríticas, mas em

⁹ Algumas ideias aqui apresentadas podem parecer vagas ou carentes de mais fundamento; mas justificamos a abordagem escolhida pelo fato de o tema abranger uma gama tão extensa de questões que um tratamento completo exigiria um volume considerável de páginas, ultrapassando os limites de um estudo conciso. Acreditamos que debater a subjetividade e a multiplicidade de verdades é fundamental para compreender a diversidade de experiências na Museologia. Considerar tais discussões é metodologicamente válido e relevante, pois enriquece nosso entendimento teórico e possibilita uma análise crítica e integrada que reconhece as múltiplas dimensões do saber.

certo sentido haviam ido além da crítica” (Skiveren, 2022, p. 2). Seu objetivo é questionar noções fixas de significado e autoridade interpretativa, abrindo espaço para uma análise mais pluralista e inclusiva das obras culturais e literárias.

Finalmente, podemos dizer que ainda não se chegou a uma ideia organizada sobre o que constitui o pós-crítico. Em outras palavras, não existe nenhuma clara definição de pós-crítica, amplamente aceita por acadêmicos. Na pesquisa educacional, a teoria crítica tem sido amplamente reconhecida como uma ortodoxia. Já a teoria pós-crítica, embora debatida, não proporciona uma visão geral e abrangente, mas introduz questões emergentes e oferece respostas indicativas¹⁰. Mas certamente podemos inferir que a teoria pós-crítica encaminha o pensamento na direção da pluralidade e da diferença.

- Museologia crítica

Segundo Scheiner (1998), hoje a Museologia é entendida de forma plural, simultaneamente como instância de pensamento e como instância narrativa. Ela é vista tanto como uma expressão de ideias de especialistas de diversas disciplinas quanto como um elemento dentro de uma narrativa mais ampla, refletindo os diversos discursos e sistemas de significado que coexistem e interagem na sociedade.

A ideia de Museologia crítica ganhou notoriedade no cenário hispânico; um de seus intérpretes, Jesús Pedro Lorente (2021), desenvolvendo suas ideias a partir da prática museológica, a define pelo seu potencial para abordar questões sensíveis, desafiando concepções colonialistas hegemônicas em uma sociedade cada vez mais multicultural e globalizada. Nesse construto, a Museologia crítica seria um modo de interpretação do real praticado pelos museus; e portanto, uma tendência de comunicação. A escolha por essa perspectiva visa enfrentar questões polêmicas no modo de analisar a sociedade humana, expondo abertamente os conflitos existentes e confrontando posições divergentes. Nesse contexto, os museus não serviriam somente para expor o patrimônio conflitivo, mas também para apresentar as disputas curatoriais, comunicando aos diversos públicos as visões contrastantes de mundo que se desdobram no cenário atual. Para Lorente esse discurso, que se ocupa da reflexão sobre o próprio discurso, seria capaz de direcionar a atenção dos públicos para a obra

¹⁰ No campo da Educação, as diferenças entre a pedagogia crítica e a pós-crítica são significativas: enquanto a pedagogia crítica tende a focalizar as diversas origens dos alunos, a pedagogia pós-crítica parte da suposição de uma igualdade radical. Ademais, enquanto a pedagogia crítica vê a educação como um meio para fins sociopolíticos, a pedagogia pós-crítica a considera uma atividade que possui valor intrínseco (Wortmann, 2020).

curatorial e seus dilemas, devendo ser considerado a característica mais distintiva de uma Museologia autodenominada "crítica".

A "Museologia crítica" enquanto corrente intelectual alcançou um lugar de destaque em contextos universitários pelo mundo. Resenhas "críticas" proliferam em cursos e publicações acadêmicas. Dessa maneira, quando hoje nos referirmos à Museologia Crítica, estamos abordando o ambiente universitário como um espaço de reflexão e análise, onde intelectuais, estudiosos e pensadores examinam as práticas e teorias relacionadas aos museus. Todos esses processos são particularmente voltados para a arte, com a Museologia crítica direcionando seu foco para os museus de arte.

Contudo, existem tentativas de alinhar a Museologia crítica apenas a um conjunto de práticas desenvolvidas ou utilizadas nos museus. Aqui, damos maior destaque ao desenvolvimento das raízes epistêmicas da Museologia em seu viés crítico.

O sentido original do termo Museologia crítica era literal: realizar um estudo crítico sobre o cotidiano dos museus. Conforme Lynne Teather defendia em sua tese de doutorado (1984¹¹), o termo "Museologia Crítica" foi reivindicado pelo Curso de Museologia da Academia Reinwardt¹² na reunião anual do ICTOP¹³ realizada em Ottawa, Canadá, no ano de 1982 (Lorente, 2012): a Museologia Crítica teria surgido de uma atividade escolar realizada na Academia por volta do ano de 1979. Os estudantes visitaram um museu como integrantes do público em geral e depois foram induzidos a formar sobre a visita uma visão crítica e pessoal, sem nenhum guia do museu, como geralmente ocorria¹⁴.

Em princípio - segundo Teather e Lorente - Museologia Crítica se referiria a uma forma de organização de visitas de estudo a museus que se distinguia da mediação feita por profissionais de museus de outros cursos. Naquela época, Teather

¹¹ Teather, J. L. *Museology and Its Traditions: The British Experience, 1845-1945*. Department of Museum Studies. University of Leicester. Leicester, U.K. (1984). Thesis. 455pp. Primeira tese de Doutorado em Museologia defendida em Leicester. Teather destacou-se como professora da Universidade de Toronto, Canadá, e como membro atuante do Comitê Internacional do ICOM para a Formação de Pessoal para Museus - ICTOP, do qual foi presidente entre 2011 e 2016.

¹² Escola de Museologia holandesa iniciada nos anos 1970, em Leiden, e transferida ao final dos anos 1980 para a Universidade de Amsterdam. Sediou um Curso de Graduação em Museologia e, a partir de 1992, um Mestrado internacional em Museologia. Em 2022 essa estrutura reatualizou-se e hoje a Reinwardt abriga uma Graduação e um Mestrado em Patrimônio Cultural.

¹³ Comitê Internacional do ICOM para a Formação de Pessoal para Museus - ICOM/ICTOP.

¹⁴ Cabe anotar que a Escola de Museologia da UNIRIO também adotou essa metodologia de trabalho desde o final dos anos 1970, sem que entretanto as análises realizadas por estudantes e docentes fossem consideradas "museologia crítica" - já que, desde 1974, a Escola considera que toda Museologia deve ser crítica em suas abordagens. Uma das formas de abordagem crítica do real eram (e são) as exposições curriculares (ver Scheiner, 2023, p: 18-63).

justificou o uso dessa terminologia ao basear-se na “teoria crítica” de Theodor Adorno. O que era aqui percebido como Museologia Crítica estaria inscrito na prática museal, mais especificamente no conjunto de atividades envolvidas na interpretação e exposição de coleções em museus. Nesta abordagem o museu tradicional ortodoxo e o patrimônio instituído eram o centro fixo a partir do qual os alunos se orientavam para desenvolver seus conhecimentos. Nesse contexto, temia-se o desenvolvimento de um modo de pensar excessivamente direcionado a um foco específico, cristalizando uma abordagem que a teoria museológica provou ser redutora e parcial.

O que temos visto é um distanciamento daquilo que já foi feito ao organizar a Museologia como campo disciplinar de natureza científica ou como esfera filosófica, desde os anos 1970 presentificando uma teoria da Museologia. Logo, devemos considerar algumas consequências do modo restrito com que alguns pesquisadores ainda podem encarar a Museologia. Dentre esses movimentos podemos mencionar a especialização essencialmente centrada no trabalho em museus: a especialização profunda pode levar os profissionais a focalizarem intensamente a prática em museus, confundindo-a com Museologia. Embora isto possa levar a avanços significativos, também pode limitar a visão geral e a capacidade de conexão com outras áreas do conhecimento.

Outra consequência seria a fragmentação do conhecimento sobre a Museologia - que pode ocorrer quando os estudos se concentram exclusivamente em áreas muito específicas dentro dos museus, perdendo de vista o contexto geral da teoria museológica e/ou a interconexão com outras disciplinas. Neste último caso, especialistas de outros campos ou que são do próprio campo da Museologia preferem conceber a Museologia como um ramo de outra disciplina (Antropologia, História ou Ciência da Informação) e assim, frequentemente questionam a rica produção acadêmica desenvolvida por essa esfera de pensamento e sua habilidade de permear as fronteiras disciplinares de outros campos. A terceira consequência seria o estreitamento de visão: o foco excessivo em um único ponto de vista ou metodologia pode reduzir a capacidade de considerar o campo da Museologia em sua natureza plural, complexa e em interface com os demais campos disciplinares. É importante lembrar que uma característica chave do método crítico é que devemos antecipadamente proceder a uma investigação sistemática das nossas crenças. Dessa maneira, esperamos não deixar de revisitar nossas crenças pessoais acríicas.

- Museologia pós-crítica

Em 2012, a conferência de Gotemburgo e a Associação de Estudos Críticos do Patrimônio destacaram a falha dos museus em adotar efetivamente as propostas da teoria crítica. A publicação “Museologia Pós-crítica” (2013)¹⁵ observou que, “apesar do reconhecimento da perspectiva pós-colonial, poucos museus europeus implementam mudanças significativas em suas práticas” (Kuijtnen, 2014, p.5). Embora os museus europeus reconheçam o fato de operar dentro de discursos pós-coloniais, poucos adotam essas críticas de forma significativa ou mudam suas práticas. A crítica à ausência de ação dos museus em relação à teoria crítica aponta para a falta de um intercâmbio contínuo entre teoria e prática: muitos museus falham em representar adequadamente as culturas minoritárias no presente, o que implica que a Museologia Crítica não estaria sendo efetivamente traduzida em suas práticas.

Nesse contexto, a Museologia Pós-crítica surge como um termo e um conceito que representam o juízo - elaborado no livro *Post-Critical Museology: theory and practice in the art museum*, publicado pela *Tate Gallery* (2013) - que consigna a Museologia como possuidora de um caráter diferenciado, capaz de superar um dos fatores que mais a limitam na atualidade: a inclusão social em museus. Para Lorente (2012), o objetivo da mudança terminológica entre Museologia Crítica e Pós-crítica pode ser entendido a partir de transformações nas esferas profissionais e nas interações entre fronteiras culturais, no contexto anglo-saxão. Segundo Walsh (2016), a Museologia Pós-crítica apresentaria um novo modelo de pesquisa colaborativa incorporada ao museu de arte, baseada na prática e conduzida pela prática, não só destacando a inclusão do público, mas também provocando a sua animação como um participante legítimo na formação e distribuição de conhecimento dentro do museu de arte, e no encontro com a obra de arte. Esse processo busca afastar a imagem dos museus anglófonos da sua natureza elitista, que permeia o discurso acadêmico internacional: agora o museu estaria sendo obrigado a sair da inação para se adaptar ao ambiente epistêmico mais inclusivo da pós-modernidade.

Muitos argumentam que, apesar de a Museologia Crítica ter se disseminado nos anos 1980, principalmente em países de língua inglesa, suas ideias baseadas na teoria crítica não foram efetivamente aplicadas nos museus. A Museologia Crítica não estaria sendo refletida na Museologia Aplicada, uma vez que as práticas museológicas não incorporam de maneira significativa as propostas de representatividade e questionamento das estruturas sociais e culturais defendidas por essa vertente teórica.

¹⁵ *Post-critical Museology: theory and practice in the art museum*.

De acordo com Kuijten, vários estudiosos têm levantado questionamentos sobre a natureza do discurso crítico, sugerindo que ele possa ter sido, em muitos casos, um discurso predominantemente acadêmico, sem uma implementação prática ou efeito substancial em esferas além do meio acadêmico. Em decorrência disso, a Museologia Crítica refletiria uma linguagem profundamente imersa no jargão acadêmico, o que resulta na exclusão de profissionais de museus que não estão familiarizados com esse vocabulário, dificultando sua plena inserção no debate.

O livro de 2013 sobre Museologia pós-crítica, acima citado, consistiu em um estudo que analisou o grau de responsividade dos museus às questões críticas emergentes no campo. De acordo com os autores, observou-se uma resposta insatisfatória por parte dos museus do Reino Unido - fenômeno atribuído ao modo quase isolado em que acadêmicos e profissionais de museus atuam, sem grandes interações entre os dois âmbitos. Os autores argumentam que a divisão entre o conhecimento gerado pela teoria acadêmica, desenvolvida fora do museu, e o conhecimento pragmático produzido pelos estudos de museus, perpetua uma desconexão significativa entre ambos os domínios.

Parte-se do pressuposto de que os museus ingleses estão cientes das críticas que denunciam sua posição dentro de discursos dominantes. No entanto, o papel da teoria crítica parece se limitar à desconstrução das relações de poder em um nível teórico, sugerindo que, na prática, muitos museus ainda não incorporam plenamente essas críticas. Este poderia ser o caso de museus britânicos - que, apesar de estarem cientes das críticas pós-coloniais sobre a forma como exibem coleções adquiridas durante o período colonial, continuam a manter práticas que reforçam essas relações de poder. Por exemplo, o British Museum foi frequentemente criticado por exibir artefatos de países colonizados sem devolver esses objetos aos seus locais de origem. Embora o museu tenha reconhecido a validade dessas críticas e participado de discussões acadêmicas sobre o tema, a prática de manter os objetos na sua coleção e não realizar devoluções significativas ainda persiste, refletindo uma desconexão entre a teoria crítica sobre colonialismo e as ações práticas da instituição. Isto indica que a teoria crítica pode ser discutida e compreendida, mas na prática ainda são limitadas as mudanças significativas e ações concretas para redirecionar essas relações de poder.

Em segundo plano, a intervenção proposta pela Museologia pós-crítica visaria alinhar o trabalho acadêmico com as práticas diárias dos museus, com o intuito de aproximar as questões teóricas das preocupações práticas. Tal integração, segundo

os autores, poderia promover uma compreensão mais aprofundada e fomentar transformações mais eficazes dentro dos museus. Um exemplo seria o projeto colaborativo realizado pelo *Tate Britain*, chamado *Tate Encounters: Britishness and Visual Cultures*, em parceria com estudantes da *South Bank University*, com um objetivo de investigar as identidades culturais e raciais britânicas. O estudo revela uma resistência à categorização rígida de identidades raciais e étnicas, com os co-pesquisadores, ao lado dos autores, questionando as classificações tradicionais de raça e classe. A partir desta resistência é sugerida a ideia de transculturalidade, isto é, de que as identidades não são fixas, mas sim fluidas e em constante transformação, influenciadas pelas experiências de mobilidade e interação cultural (Dewdney *et al.*, 2013).

A metáfora do "museu virado do avesso"¹⁶ é apresentada como uma maneira de reimaginar os museus, reconhecendo os visitantes como sujeitos corporificados - indivíduos com histórias, experiências e identidades próprias. Isto desafia o modelo tradicional de comunicação nos museus, que tende a apresentar a cultura de maneira impessoal e unidirecional, sem considerar a complexidade das experiências dos visitantes (Graham, 2015). Nesse projeto, acadêmicos e profissionais de museus colaboram diretamente com os seus visitantes para desenvolver exposições. Em vez de simplesmente aplicar teorias acadêmicas sobre Museologia, trabalham junto aos públicos para identificar quais histórias, objetos e perspectivas são mais significativos, e como isso pode ser representado nas exposições. Como resultado, os autores propõem uma abordagem mais dinâmica e inclusiva da identidade e das relações museu-público, desafiando as categorias rígidas e os modelos tradicionais de transmissão de cultura, em favor de um modelo mais fluido e interativo, que reconheça as experiências vividas e as subjetividades emergentes das interações culturais e da migração.

Graham (2015) comenta que, apesar das vozes pós-críticas, muito poucos museus estão dispostos a revisar profundamente suas práticas organizacionais e de conhecimento, o que significa que continuam a operar dentro de estruturas hierárquicas e dominantes, sem realizar mudanças significativas para se libertar dessas influências. A experiência do contexto intelectual inglês revela inibidores de mudança na agenda política de inclusão social nos museus do Reino Unido. Em 2003, Sandell já mencionava que muitos profissionais de museus não reconhecem a responsabilidade social das instituições em relação à desigualdade social, preferindo

¹⁶ *Museum turned "inside out"*.

priorizar funções educativas e a preservação de acervos¹⁷. Além disso, os museus geralmente não compartilhavam a tomada de decisões com o público nem capacitavam as comunidades para interagir com suas dinâmicas, mantendo um modelo tradicional de autoridade profissional. Em seu trabalho, Sandell também critica agências de saúde e bem-estar por excluírem os museus de iniciativas sociais, além de apontar a falta de orientações adequadas e a composição elitista da força de trabalho do setor, que resiste à diversidade e a novas abordagens.

O panorama geral das discussões que temos observado é de que o museu seria um empreendimento colonialista, situado dentro de uma vertente evolucionista. Teme-se a manutenção das práticas tradicionais nos museus. Na prática museológica o grande desafio, hoje, seria aumentar a preocupação com as relações de participação e diálogo nos museus. Tornaram-se cada vez mais centrais o compromisso com o intercâmbio cultural e o respeito para com o valor da diversidade cultural, gerando nos museus uma atitude de diálogo, de troca com os grupos minoritários.

É possível ainda estabelecer conexões produtivas entre a abordagem pós-crítica e os estudos de linguagem em museus. O citado livro *Post-Critical Museology* realiza essa articulação, ao avaliar como diferentes vozes e culturas são percebidas dentro das instituições, com ênfase nos temas da diversidade e da inclusão. A análise apresentada indica que, nas definições de "audiência" e "público", os visitantes têm sido inadequadamente interpretados como representantes sociais, revelando falta de clareza na forma como as instituições compreendem suas audiências e com elas se relacionam. Tal problemática decorre de uma abordagem que se baseia exclusivamente na análise crítica acadêmica. Ao considerar que, na Museologia, essa análise se configura apenas como aspecto teórico, os autores defendem a análise pós-crítica, que se desenvolve em esferas sociais menores, concentrando-se nas relações de poder que permeiam os micro-contextos (Eto; Neira, 2017).

Esta situação ressalta a complexidade das interações entre museus e seus públicos. A teoria e a prática podem estar desconectadas, sugerindo a necessidade de uma abordagem mais precisa e inclusiva, que reconheça a diversidade e as múltiplas identidades dos visitantes. Isso implica ir além de aspectos negativos como exclusão e opressão, num contexto macro e estrutural do capitalismo; tais aspectos exigem a reorganização da totalidade social, uma limitação frequentemente associada à Museologia Crítica (Dewdney *et al.*, 2013).

¹⁷ Ver Sandell, Richard, 2003, p. 45-62.

Em contraste, as abordagens pós-críticas focalizam a especificidade e propõem alternativas para mudanças no singular e no particular, primando pelo pessoal em relação ao social. A teoria pós-crítica opera nas relações específicas, nas quais grupos em determinadas situações são oprimidos e lutam para modificar sua condição por meio do direito à representação e ao reconhecimento. Assim, sugerimos que a Museologia Pós-Crítica busca ir além dessa crítica, propondo uma nova forma de entender e mobilizar os públicos nos museus, enfatizando a importância de uma abordagem mais reflexiva e inclusiva.

Apesar da relativa novidade do tema, existe uma significativa produção de autores brasileiros¹⁸ que, nas últimas décadas, abordam questões similares relacionadas à teoria pós-crítica em museus¹⁹. Scheiner (2020) comenta que essas discussões resultaram em novas adjetivações do Museu - como museu inclusivo, museu aberto, museu dialogal, museu híbrido e museu decolonial; e da Museologia: Museologia Inclusiva, Museologia Decolonizada, Museologia Experimental, Museologia Reflexiva e Museologia Participativa. No entanto, é importante ressaltar que a matriz epistêmica que fundamenta essas abordagens é de natureza sociológica, sócio-histórica ou antropológica, e não uma matriz museológica de caráter filosófico²⁰.

2. Considerações finais

É importante notar que a teoria pós-crítica, quando abordada de maneira segmentada, tem enfrentado resistência e não tem sido universalmente aceita entre alguns acadêmicos. Uma das principais razões para a resistência à aceitação é que a atualização das interpretações à luz do contexto atual não implica necessariamente um rompimento com a teoria crítica. Embora os autores da teoria crítica estejam

¹⁸ Inúmeros teóricos da Museologia vêm produzindo reflexões sobre o tema, mas ainda são poucas as análises substanciais abordando especificamente a Museologia Pós-crítica. Destacam-se as contribuições de Cayo Honorato (2019) e Maya Macario (2019), disponíveis gratuitamente no meio digital.

¹⁹ Este artigo aborda algumas das principais questões relacionadas ao tema em questão. No entanto, é importante destacar que o objetivo aqui não é cobrir de forma exaustiva todos os autores que discutem o tema, tampouco analisar o estado da arte, e sim oferecer uma análise que ilumine determinados aspectos do tema, relevantes para a discussão proposta. Em trabalhos subsequentes abordaremos outros estudiosos cujas pesquisas contribuem significativamente para o debate.

²⁰ É importante destacar o trabalho de Marília Xavier Cury (2020), que, a partir de uma perspectiva filosófica, analisou a Museologia em sua relação com o ser e a teoria museológica - uma abordagem que ela, como outros teóricos, entende como Metamuseologia. A autora investigou a subjetividade no museu e nas exposições, enfatizando a reivindicação dos povos indígenas por participação nos museus. Ela também desenvolve uma pesquisa abrangente na interseção entre Museologia e teoria crítica, que poderá ser melhor abordada em nossos trabalhos posteriores. Destacamos ainda a tese de Anaildo Baraçal (2015), que realizou uma aproximação epistêmica da Museologia, também abordando a Metamuseologia. No texto da Tese, Baraçal lembra que em 1964 Stránský já propunha que “a missão dos museus é criar uma base de documentos, **uma base sistemática e crítica** [grifo nosso] através dos documentos primários - *museália* - e preservar esta base e disponibilizá-la para as necessidades da ciência e educação” (Stránský, 1965, p. 32, *apud*. Baraçal, 2015, p. 54).

influenciados pela Escola de Frankfurt, é possível que não adotem integralmente todas as suas perspectivas teóricas, sem, por isso, deixarem de ser considerados teóricos críticos. Um exemplo dessa situação é Habermas (1981), que, apesar da influência frankfurtiana, desenvolve abordagens distintas em relação a certos aspectos da teoria crítica. Segundo ele o pensamento marxista, com sua ênfase na determinação econômica e na luta de classes, oferece uma visão limitada do processo de mudança social. Para o autor seria necessário abandonar as formulações originais de Marx. “Isso não porque Habermas pretende abrir mão da crítica, mas porque, para ele, os conceitos originais da Teoria Crítica não são mais suficientemente críticos frente à realidade atual” (Nobre, 2004, p. 54). Nesse sentido, alguns autores argumentam que, apesar da significativa distância entre as formulações mais recentes, como a posição pós-crítica, e a enunciação original dos princípios fundamentais da teoria crítica tal como realizada por Marx, a teoria crítica continua a se perpetuar em suas diversas reformulações alternativas.

Associar a teoria ao contexto intelectual é essencial para compreender sua relevância e limitações, pois permite perceber como as circunstâncias e debates em cada época vêm influenciando as ideias formuladas. Neste sentido, a teoria crítica e pós-crítica são pensadas como mais adequadas a seus respectivos contextos. Enquanto a teoria crítica tem um caráter marxista, a teoria pós-crítica apenas propaga para o debate atual questões que não foram abordadas por Marx no século XIX - como gênero, raças, etnias, subjetividades ou identidades. A teoria pós-crítica não se coloca contra os ideais marxistas, mas, em vez disso, busca integrar e expandir as abordagens críticas desenvolvidas por Marx, oferecendo novas perspectivas para a análise social e histórica. Um aspecto importante da teoria pós-crítica é a oposição a todas as formas de homogeneização de culturas e padronizações. Em vista disso, justamente se posiciona contra o saber dominante e contra as grandes narrativas sobre o conhecimento.

No cenário da pós-modernidade entende-se que a Museologia tem muitas interpretações. Existe uma heterogeneidade nos espaços formativos da Museologia e dos estudos sobre museus que deve ser levada em conta, uma vez que não há abordagem teórica defendida por uma Escola que ofereça explicações completas para todos os fenômenos desse universo epistêmico ainda em construção.

A Museologia Crítica está sempre em transformação. Não é apropriado considerar que seu trabalho está amplamente concluído. O campo museal continua a evoluir e a se adaptar às novas demandas e desafios contemporâneos. O pós-crítico

pode ser visto como uma tentativa de complementar a crítica, apresentando questões alternativas e uma abordagem experimental preocupada em ir além da sensibilidade intelectual crítica. Não podemos pensar tais construtos como algo compartimentado em uma Museologia crítica e uma Museologia pós-crítica. Se antes obedecíamos a uma ordem cronológica para construir conceitos que se contrapõem aos antigos, agora podemos trabalhar na dinâmica das trocas. Ir além da Museologia crítica deve incluir “passar por ela”; isso é importante, porque a crítica é uma parte necessária da Museologia pós-crítica. Assim, para construir o novo não é preciso se contrapor ao velho, podemos realizar trocas.

O universo da Museologia e dos estudos sobre museus tem muitas interlocuções. No que se refere à Museologia Aplicada, é preciso perceber sempre a potência do Museu como espaço relacional, capaz de abrigar todas as vivências, todas as interpretações (Scheiner, 2016). Almeja-se que sujeitos, grupos ou organizações compartilhem e adquiram conhecimentos uns com os outros. Portanto, os produtos e processos resultantes das criações de “Museologias críticas e pós-críticas” são desdobramentos da episteme pós-moderna que tornam explícita nossa realidade - fragmentada, fluida e mutável. Uma não está contra a outra, todas mostram o quão múltipla a Museologia pode e deve ser²¹.

Referências

- AGLER, David W. *Tradition and Discovery: the Polanyi Society Journal*, 2012. Disponível em: <https://polanysisociety.org/TAD%20WEB%20ARCHIVE/TAD38-3/TAD38-3-fnl-full-pdf.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007. 292 p.
- ANKER, Elizabeth S.; FELSKI, Rita. *Critique and Postcritique*. Durham: Duke University Press, 2017. 336 p.
- BARAÇAL, Anaildo B. *Em busca do objeto filosófico da Museologia / Patrimoniologia: alguma especulação*. 2015. 362 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 336 p.
- CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9. p. 129-146. 2020.
- DEWDNEY, A.; DIBOSA, D.; WALSH, V. *Post-critical museology: theory and practice in the art museum*. London. New York: Routledge, 2013. 288 p.

²¹ Justificamos a apresentação resumida de ideias complexas devido ao limite de páginas. Para ir mais fundo ver Scheiner, 2020; 2015; Ferreira, 2024; Dewdney et. al., 2013.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. v. I e II. São Paulo: EDUSC, 2007. 1000 p.

ETO, J.; NEIRA, M. G. Em defesa de uma teoria pós-crítica de Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 580-592, 2017.

FERREIRA, Lorhana Serpa Ribeiro. *Rumo à Museologia Pós-Crítica? Reflexões sobre a Teoria Crítica e Pós-Crítica aplicada à Museologia*. 2024. 142 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2024.

GRAHAM, Helen. Book Review on Post-Critical Museology: theory and practice in the art museum. *Cultural Trends*. Routledge, London, v. 24, n. 1, p. 101-103, 2015.

GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. *Museological Working Papers*, ICOFOM, Estocolmo, n.1, p. 42-44, 1980.

GREGOROVÁ, Anna. [sem título]. *Museologia e identidade*. ICOFOM Study Series 10. Estocolmo. Suécia, p. 125-128, 1986.

HABERMAS, J. *The theory of communicative action*. Reason and the rationalization of society. v. 1. Boston: Beacon Press, 1984. 562 p.

HONORATO, Cayo. A Museologia pós-crítica segundo os Tate Encounters. *Mouseion*, Canoas, n. 33, p. 93-107, 2019.

HORKHEIMER, M. *Filosofia e teoria crítica*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. 144 p.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 320 p.

KUIJTEN, Danielle. *Kaleidoscopic views*. 2014. 30p. Master thesis. Master of Museology Reinwardt Academy, Amsterdam, 2014.

LIIMAA, Wallace. *Princípios quânticos no cotidiano: a dimensão científica da consciência e espiritualidade*. São Paulo: Aleph, 2011. 239 p.

LORENTE, Pedro. Museologia Crítica: teoria e práxis. análise de uma sobreposição crescente com o mundo da arte. *Leituras da arte no mundo contemporâneo*, FFLCH/USP, PROLAM/USP São Paulo, v. 3, p. 93-112, 2021.

LORENTE, Pedro. The development of museum studies in universities: from technical training to critical museology. *Museum Management and Curatorship*, Spain, v. 27, n. 3, p.237-252, 2012.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 176 p.

MACARIO, Maya Moreno. *Entre a Museologia Crítica e a Pós-crítica: uma proposta metodológica para a formação de público na Casa da Cultura da América Latina*. 2019. 89 p. Monografia (graduação) - Universidade de Brasília, Graduação em Museologia, Brasília, 2019.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004. 80 p.

PACHECO, José Augusto. Teoria (pós) crítica: passado, presente e futuro a partir de uma análise dos estudos curriculares. *Revista e-Curriculum*, v. 11. n. 1, p. 6-22, 2013.

POLANYI, Michael. *Personal Knowledge. Towards a Post-Critical Philosophy*. New York: Haper & Row, 1964. 464 p.

SANDELL, Richard. Social inclusion, the museum and the dynamics of sectoral change. *Museum and Society*, Leicester, v.1, n.1, p. 45-62, 2003.

SCHEINER, Teresa. Cultura Material e Museologia: considerações. *Museologia e patrimônio*, Museu de Astronomia e Ciências Afins, v. 1. Rio de Janeiro, p. 16-48, 2015.

SCHEINER, Teresa. Memórias Revisitadas: exposições curriculares da Escola de Museologia, UNIRIO (1974 – 2004). *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 12, n. 23, p.18-63, jan./jun. 2023.

SCHEINER, Teresa. Museologia, hiperculturalidade, hipertextualidade: reflexões sobre o Museu do Século 21. *Museologia e Interdisciplinaridade*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p.46-63, jan./jul. 2020.

SCHEINER, Teresa. Para além do Museu: museologias e Meta(?) teorias. Notas sobre a contribuição de Stránský ao pensamento latino-americano. In: Stránský: uma ponte Brno – Brasil. ANAIS DO III CICLO DE DEBATES DA ESCOLA DE MUSEOLOGIA DA UNIRIO. 2017. Paris: ICOFOM, 2017. p. 59-86.

SCHEINER, Teresa. Re-defining Museology as a field? Brief notes on Museology as the core of interdisciplinary dialogue. *Bulletin of Japan Museum Management Academy*, Japão, v. 20, p. 3-17, 2016.

SKIVEREN, Tobias. Postcritique and the Problem of the Lay Reader. *New Literary History*, v. 53, p.161-180, 2022.

WALSH, Victoria. *Redistributing Knowledge and Practice in the Art Museum*. Stedelijk Studies, 2016. Disponível em: <https://researchonline.rca.ac.uk/2302/> . Acesso em: 15 jul. 2021.

WORTMANN, Kai. *Drawing Distinctions: What is Post-Critical Pedagogy?* *Education Journal for Research and Debate*, Alemanha, v.3, n. 9, p. 1-5, 2020.

Data de recebimento: 13.11.2024

Data de aceite: 10.12.2024